

PERSPECTIVAS CEALE

LEITURAS EM CONTRAPONTO:
pesquisadores e profissionais
da escola pública



ABRIL
25

"Os usos da escrita no cotidiano
das camadas populares"

Marildes Marinho Miranda

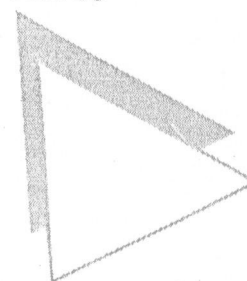
(Mestre em Educação - Prof^a da FaE/UFMG)

Horário: 19 horas

Local: Auditório da Faculdade de Educação

Escolas Participantes:

Escola Municipal Honorina Rabello - Regional Nordeste
Escola Municipal Maria de Resende Costa - Regional Noroeste
Escola Municipal Minervina Augusta - Regional Norte



Os Usos da Escrita no Cotidiano

Marildes Marinho Miranda
Mestre em Educação
Professora de Língua Portuguesa
e Literatura Brasileira do
Colégio Técnico da UFMG

Introdução

Este artigo apresenta uma síntese de um dos capítulos de dissertação de mestrado cuja problemática se organiza em torno da função social da escrita para categorias sociais economicamente desfavorecidas.

A palavra *função* é tomada aqui no seu sentido de "valor" e "papel" social atribuído à escrita, pelos indivíduos, no seu ambiente de cultura. Há uma relação estreita entre a aprendizagem de práticas sociais e os usos e significados da escrita, relação essa que permite situá-la no contexto dos estudos antropológicos interessados em explicitar as normas, os valores, os hábitos e as atitudes instituídas no cotidiano. Nesse sentido, duas perguntas norteadoras do tema dessa pesquisa poderiam se apresentar assim:

1ª) Qual a lógica de relação com a escrita, no dia-a-dia de indivíduos das camadas populares?

2ª) De que forma essa lógica se relaciona com as representações sobre a escrita construídas por um discurso dominante de instituições e de indivíduos que lidam com a educação letrada?

A representação corrente, na literatura e no discurso institucional (proposta de ensino, livros didáticos), é de que a escrita é intrinsecamente boa e melhor do que a linguagem oral.

A oralidade, enquanto produção cultural, é considerada inferior à escrita. Embora essa concepção tenha sido já contestada pela Linguística e pela Antropologia, é possível apontar comportamentos que a negam. A prática da produção de textos escritos, na escola, tem apontado uma insistência e uma preocupação, às vezes impropriedades, em "limpar" dos textos dos alunos qualquer marca da linguagem oral, inclusive daqueles que a permitiriam.

Uma das dificuldades do professor de língua portuguesa é a de interagir, enquanto leitor, com textos escritos pelos alunos a partir de uma sintaxe da língua oral. A primeira reação do professor, diante de um texto com essa característica, é a de desqualificá-lo no que se refere ao seu conteúdo (coerência e coesão).

Além da possibilidade de se discutir a relação escrita-oralidade, meu interesse por compreender o significado da escrita a partir do ponto de vista do outro – de segmentos sociais “pouco letrados” – nasceu também da hipótese de que a escrita tem significados particulares para grupos sociais distintos, os quais não foram ainda explicitados. Esses significados, por sua vez, interferem na relação ensino-aprendizagem, na escola.

SOARES (1988) sugere a hipótese de que as concepções das crianças pertencentes às camadas populares sobre esse objeto de conhecimento interferem no seu processo de alfabetização.

Essa hipótese poderá também nos sugerir que os pressupostos da escola/professor poderão interferir de forma a prejudicar ou facilitar o aprendizado da leitura e da escrita. Será prejudicial ao processo ensino-aprendizagem, por exemplo, se o professor não for capaz de refletir sobre o processo de negociação de concepções que entra em jogo na interação ensino-aprendizagem.

Com a investigação do problema da representação social sobre a língua escrita pretendeu, assim, percorrer um dos múltiplos caminhos que o tema linguagem-cultura-classe social pode suscitar. GNERRE (1985) reforça a necessidade de

“refletir tanto sobre as atitudes, as expectativas e as crenças que outros grupos étnicos, outras classes sociais ou outros grupos de idade podem ter sobre a escrita, como sobre a escrita compartilhada dentro da própria tradição escrita, elaborado por minorias letradas ligadas ao poder político e econômico”. (p. 34)

Como não é possível relatar neste artigo todo o projeto da pesquisa, optei por apontar alguns elementos do último capítulo. A intenção é a de fornecer ao leitor algumas formas de relação com a língua escrita observadas numa região periférica de Belo Horizonte. Apresento, então, uma descrição de usos da escrita no cotidiano de uma Vila. Na pesquisa que deu origem a este texto, esse material se organiza com referência a três espaços sociais: o da casa-família, o da religiosidade e o do trabalho. Aqui, apresento apenas o trabalho relativo ao primeiro grupo.

Leitura e escrita: uma vivência social do processo de significação

As atividades de leitura e de escrita na Vila criam formas de sociabilidade variadas, ora com caráter pedagógico, ora com caráter de atendimento às dificuldades apresentadas pelos analfabetos, entre outras. Essas formas coletivas confrontam-se com aquelas mais particularizadas, em que as pessoas, de forma solitária, entram em contato com o texto escrito.

É comum não se partilhar o momento da leitura de um texto, mas partilham-se os significados, através de conversas e da troca de textos. As revistas em quadrinhos, as receitas e os romances são objetos dessa partilha, assim como os textos religiosos que se lêem solitariamente e depois são discutidos nos espaços do cotidiano.

O conceito de leitura que proponho aqui não se refere apenas à decifração de um código escrito, oral ou silenciosamente, particular ou coletivamente. A leitura será aqui entendida como um

ato concreto cujo processo de interpretação situa-se no cruzamento entre, por um lado, leitores dotados de competências específicas, identificados pelas suas posições e disposições, e, por outro lado, textos cujo significado se encontra sempre dependente dos dispositivos discursivos e formais. (CHARTIER, 1990, P. 25-26)

Este artigo se organiza, pois, em torno de práticas de leitura e de escrita, de leitores e de textos especificamente caracterizados no seu ambiente de cultura.

Entre as formas de caráter pedagógico encontram-se, principalmente, aquelas que se realizam em grupos com fins religiosos e/ou filantrópicos, tais como o *ciclo bíblico*,¹ a catequese infantil, a Sociedade de São Vicente de Paula etc. Nesses contextos, anulam-se, de certa forma, as várias possibilidades de leitura do texto, para buscar-se uma pedagogia em torno de um significado mais homogêneo e orientador de comportamentos sociais. O texto funciona mais como um pretexto para se refletir sobre situações vividas no cotidiano, à luz de um referencial religioso.

A diferença entre um texto utilizado numa catequese e aqueles utilizados no *ciclo bíblico* é que, na primeira situação, é mais importante que se “aprenda”, ou melhor, se decore o texto que deverá ser repetido nas avaliações e no ritual da primeira comunhão. No *ciclo bíblico*, não há necessidade de se decorar o texto, pelo contrário, muitas vezes, ele se perde naquilo que possui de material lingüístico, para se gerarem outros textos orais que refletem as experiências e visões de mundo dos participantes.

As leituras partilhadas como forma de atender às dificuldades dos analfabetos variam desde a busca de informação em uma receita médica, correspondências comerciais, cartazes, cartas pessoais que os analfabetos recebem de parentes e amigos, até as histórias lidas para e entre crianças.

As perguntas *o que, como e para que* lêem e escrevem os moradores da Vila apontam para formas culturais de relação com a escrita, as quais constituem uma interpretação possível do objeto em questão. Dessa forma, uma categorização do material escrito recolhido ali só se justifica na medida em que abre caminhos para a compreensão dos significados da escrita naquele universo social. O próprio caráter empírico da pesquisa condiciona a ordenação dos textos.

Ordenando textos

Uma tendência nas classificações relacionadas aos usos e funções da língua escrita é a de distinguir uma função “utilitária” de uma função tipicamente “desinteressada”, ou sem interesse pragmático. Na perspectiva dessa pesquisa, foi possível constatar o

quanto essas duas funções se entrecruzam, quando se detectam os objetivos dos usuários da escrita. O material escrito que, por suas características de conteúdo e de suporte, teria uma função "utilitária" própria e predeterminada, servia a outros objetivos dados pelos usuários e o contexto sócio-cultural de interação lingüística. Por exemplo, a agenda que organiza o trabalho das manicures tem também uma função específica no relacionamento interpessoal. Não estão registrados nessa agenda todos os *clientes*, mas apenas aqueles que são importantes para elas, aqueles que lhes dão status, garantia de trabalho e de privilégios como o de serem bem recebidas nas casas dos *clientes*, de ganharem presentes, *agrados* e *ajuda* em momentos difíceis. Essa agenda reflete também uma forma de relação com o trabalho, no momento em que permite reforçar uma valorização social de laços burocráticos e formais. Ou seja, registrar os *clientes* numa agenda significa atenuar o caráter instável das relações de trabalho próprio do universo de *bis-cateiros*.

Assim como a agenda não tem uma função puramente pragmática, o texto bíblico que se lê em qualquer reunião da Sociedade de São Vicente de Paula ou do *ciclo bíblico*, ou da catequese, tem, além de uma função "simbólica", a finalidade prática de instrumentalizar um evento cuja regra básica é a utilização de um texto escrito.

Neste trabalho, o ponto de partida são os sujeitos produtores-receptores de mensagens escritas. Busco apreender as representações acerca da leitura e da escrita, produzidas e determinadas por relações sociais e pelas múltiplas formas do ler e do escrever. As práticas sociais de usos da linguagem fazem com que as pessoas pensem a escrita e recriem, cotidianamente, atitudes, comportamentos e crenças a respeito desse objeto.

O fato de a vivência religiosa exigir uma capacidade de leitura e decifração do texto escrito faz com que, nos momentos de prática religiosa, as pessoas pensem e busquem compreender concepções acerca da palavra escrita. A lógica explicativa, nesse momento, tenderá a uma busca de similaridade com o universo religioso. Por exemplo, o elemento mediador da compreensão do "verbo" é o Espírito Santo, que faz as mulheres, no *ciclo bíblico*, entenderem o "verdadeiro" sentido da Bíblia. Aqueles que não sabem ler, que são *ignorantes*, recebem menos luz do Espírito Santo.

Assim também o princípio básico de abordagem desse material retoma o conceito de leitura posto no início. Esse princípio preconiza a existência do texto na sua possibilidade concreta de significação por parte de leitores especificamente determinados social e historicamente:

(. . .) os textos e também todas as categorias de imagens não podem, então, ser apreendidos nem como objetos cuja distribuição bastaria identificar nem como entidades cujo significado se colocaria em termos universais, mas presos na rede contraditória que os constituíram historicamente. (CHARTIER, 1990, p. 61).

O sentido de uma obra se constrói, portanto, na sua relação entre três elementos: o texto, os seus suportes de impressão e as formas de leitura – oral, privada/silenciosa,

laicizada/sacralizada, comunitária/solitária, pública/privada. As formas de leitura são profundamente demarcadoras dos significados produzidos em torno de um texto. Dessa maneira também funcionam os suportes de impressão: tamanho do livro, apresentação gráfica do texto, ilustrações, encadernação, etc. Há, pois, tipos de textos, formas de leituras, suportes de impressão, que se articulam com instituições, espaços e grupos sociais, produzindo, então, um quadro específico das condições sociais dos usos da escrita.

Delimitar as relações entre texto, leitor e leitura é questionar a possibilidade de existência de um significado estático, predeterminado de um texto, como se o sentido estivesse nele entranhado, cabendo ao leitor utilizar-se de ferramentas para extraí-lo. Rompe-se, também, com a antinomia clássica leitura/escrita, já que ambas se complementam. Ou seja, um autor, ao produzir o seu texto, o faz tendo em mente um leitor, que, ao realizar o ato de ler, estará dando vida a esse texto. Entretanto, uma ligação intrínseca e tensa entre produção e recepção se estabelece nas estratégias particulares de construção do texto pelo autor e pelo leitor.

Suportes e gêneros textuais

Os suportes e gêneros dos textos escritos constituem, sim, um mapeamento do material encontrado na Vila. E foi esse o eixo orientador de uma primeira ordenação. Entretanto, os usos desses textos em situações sociais de interação permitiram ampliar e mesmo redimensionar esse primeiro mapeamento. O quadro apresentado a seguir traz alguns elementos da classificação de HEATH (1982) mais as particularidades dos usos naquele contexto sócio-cultural.

As funções comunicativa e informativa, que predominam na classificação dessa autora, não são as únicas que se apresentam nos usos da escrita na Vila. Lá, a escrita constitui também instrumento de aprendizagem, de pedagogização do cotidiano, recria formas de ajuda a analfabetos e participa de variadas atividades dos indivíduos.

Nessa Vila, os adultos e crianças lêem e escrevem para:

1. Adquirir, fornecer informações e resolver problemas práticos do dia-a-dia (contas de água, luz, carnês, cheques, etc).
2. Fornecer suporte à memória (endereços, telefones, anotações pessoais em calendários, agendas, receitas, datas de aniversários, listas).
3. Formalizar registros permanentes (carteira profissional, certidões, cartões e carteiras de consulta médica, escrituras de propriedade).
4. Aprender, confirmar e veicular atitudes, idéias e comportamentos (referências à Bíblia, folhetos religiosos e catequéticos, livros escolares, cadernos de receitas culinárias, de embelezamento e de recortes de mensagens que orientam papéis sociais femininos).

5. Obter informações referentes a um contexto mundial e social mais amplo (notícias de jornais, boletins informativos da Igreja, volantes de políticos, revistas de conteúdo televisivo, etc).

6. Trocar mensagens pertinentes a relações sociais com parentes, amigos e namorados (cartões de Natal, de aniversário, de nascimento, de batizado, cartas, poemas, receitas, mensagens e correntes anônimas de caráter religioso, afetivo e sexual).

7. Substituir comunicações próprias do contato face a face (bilhetes para a escola, para mercearias e bares onde crianças levam os pedidos de compra, cartas com o fim de adquirir informações).

8. Expressar, controlar e estruturar encontros de grupos e associações (textos, atas, balancetes, recibos, listas, cânticos, jograis, discursos, orações).

9. Expressar conteúdos socialmente reprimidos, no âmbito da sexualidade, das relações amorosas, das drogas (textos de humor, brincadeiras, mensagens anônimas, revistas e livros pornográficos, cartas).

10. Permitir momentos de lazer (livros de bolso, revistas em quadrinhos, eróticas, sentimentais, mensagens religiosas, músicas, poemas diários, cadernos pessoais).

11. Estabelecer contato com o universo religioso, com Deus (preces, novenas, orações, correntes anônimas, Bíblia, boletins e folhetos distribuídos pela Igreja).

Do ponto de vista de um produto lingüístico, esses textos podem ser ordenados segundo uma relação emissor-recebedor, em três blocos.

O primeiro envolve tudo o que vem de fora, o que é produzido pela indústria cultural: os livros, as revistas, jornais, boletins, volantes diversos, adesivos, cartões, embalagens, anúncios, cartazes. São materiais de cuja elaboração não participam os moradores daquele lugar. O destinatário dessas mensagens escritas é indiferenciado, no sentido de que é o mesmo destinatário da mídia. A produção gráfica, nesse caso, caracteriza-se por um cuidado maior com a norma lingüística padrão, com uma estética mais uniformizada, seguindo um modelo preestabelecido. São textos onde se vêem menos elementos da linguagem oral, pelo menos naqueles traços que caracterizam o segundo bloco a seguir.

Esse segundo grupo refere-se a todo o material produzido pelos indivíduos do universo social pesquisado. Esses são, ao mesmo tempo, emissores e receptores, portanto, são indivíduos localizáveis sociolingüisticamente.

Expressa-se, nesses textos, uma espontaneidade capaz de revelar o nível de desempenho lingüístico próprio do grupo, sua visão de mundo, seus sentimentos. Observa-se, também, a originalidade dos suportes, variáveis desde os materiais tradicionais de impressão até papel de pão, muros, tabuletas, chão das ruas, balcões dos bares, palma das mãos. É constante a utilização dos muros, portas e paredes, tanto por crianças nos primeiros anos de escolarização, quanto de adultos.

Refiro-me, então, às correntes de oração, jograis, cantos, discursos, frases, pensamentos, poemas, bilhetes, cartas, recados, endereços, atas, receitas (culinária, embelezamento e saúde), conselhos e preceitos para um ideal de *pessoa*, listas, mensagens

anônimas com fins de aproximação amorosa ou de expressão de um conteúdo reprimido socialmente.

Um terceiro bloco relaciona-se com uma produção que reflete uma apropriação particular de textos veiculados pelos meios de comunicação. Contudo, são apropriações que refazem o contexto, o canal, e determinam um receptor inserido nas relações afetivas do emissor. São mensagens retiradas de revistas, livros, televisão, rádio, casamento, em convites, colagens nos cadernos e *guardados* femininos. Esses cadernos, *guardados* ou *trecos* retratam uma concepção dos desejos, valores e fantasias próprios de um universo social feminino.

Os espaços sociais

Dado o caráter etnográfico da pesquisa, os espaços sociais constituem fator relevante para se avaliarem os significados atribuídos à escrita. O lugar enquanto determinante de um conteúdo e de funções específicas e objetivadas nas formas de ler e de escrever, e nos textos escritos. O universo do trabalho, da religião e da casa delimitam, sobremaneira, os usos, as funções e as crenças sobre o letramento.

Conforme proposto no início desse artigo, tratarei aqui apenas do espaço relativo à família e vizinhança.

Família e vizinhança

Nas casas, encontrei livros de conteúdo religioso, literário, filosófico, didático, científico e de prendas domésticas. Entretanto, não se encontram tais livros em todas as casas. Aquelas que apresentam todos os itens anteriores geralmente são de famílias cujos filhos ainda não foram excluídos do processo escolar e os pais se empenham em adquirir livros, seja através da compra, de empréstimo ou de doações. Uma grande maioria dos moradores, entretanto, tem que se contentar com um ou outro livro didático adquirido para atividades escolares.

Ali, a posse de alguns poucos livros – meia dúzia – pode significar uma relação de respeito e de autoridade no âmbito do conhecimento intelectual, letrado.

O hábito de ler livro é mais comum entre jovens, principalmente rapazes e moças solteiras, que trocam entre si os livros. O fato de ser solteiro pode ser um determinante, já que as mulheres casadas reclamam com saudades dos *tempos de juventude* quando não tinham filhos nem marido *para cuidar*, sobrando tempo para a leitura.

As crianças se vêem restritas a uma relação com um material de leituras rápidas, propagandas, revistas velhas, pedaços de jornais e os materiais escolares que são reutilizados entre elas. Livros infantis são raríssimos e costumam, quando existem, se limitarem àqueles impostos pela escola. Há uma tendência no pensamento e nas atitudes dos adultos em não considerar a leitura e a escrita como necessidade prioritária no universo

infantil, a não ser para as atividades escolares, como processo de alfabetização. A criança precisa aprender para o futuro, quando se tornar adulta. O estudo é a *dádiva, a única herança que um pobre pode deixar para o filho*.

De parrelha com esse discurso vêm-se práticas concretas de escrita e de leitura nas brincadeiras infantis, na feitura de atas de reuniões, ao mesmo tempo que o saber das crianças pode em algumas situações suprir as necessidades dos pais analfabetos, em situações que demandam essas habilidades.

A história pessoal dos indivíduos em relação ao processo de aquisição da leitura e da escrita remonta a uma memória de leituras e textos escolares que ainda compõe o imaginário social daqueles indivíduos. A *Cartilha Analítica, Cartilha da Infância, Livro da Lili, Livro do Admissão, Joãozinho e Maria, Os Três Porquinhos, As Mais Belas Histórias, O Pequeno Polegar* são alguns dos textos que compõem esse imaginário. E, do ponto de vista da história escolar das crianças e dos adolescentes, já se pode projetar um conjunto de textos e histórias as quais serão recontadas para outras futuras gerações: *Os Meninos da Rua Paula, O Feijão e o Sonho, Um Cadáver Ouve Rádio*, as revistinhas, num quadro típico do que representa a indústria do livro e da leitura escolarizada no Brasil contemporâneo.

Não se pode deixar de apontar, também, a televisão como mediadora de leituras e textos escritos, competindo com o livro enquanto suporte do texto escrito.

A escola torna-se, por sua vez, uma referência para certos usos e produção de materiais e de atitudes em relação à escrita. Entretanto, coexistem formas específicas de circulação da escrita diferentes das escolares.

O conhecimento de uma concepção escolar da escrita é valor que atribui diferenças e se contextualiza nas necessidades do grupo. Isso se vê expresso nas *brincadeiras de escolinha* das crianças, onde reproduzem e reutilizam materiais escolares, em situações em que se repetem as mesmas regras e discursos escolares.

Nos adultos isso se reflete na atitude de questionamento da sua própria capacidade em acompanhar as tarefas escolares ou quando manifestam interesse e prazer em ler os livros indicados pela escola, ou mesmo quando se vê uma jovem que se escandaliza diante do fato de sua mãe não saber o que é adjetivo e substantivo.

Com o material escolar faz concorrência o material produzido pela Igreja. Essas duas categorias de materiais têm lugar garantido em qualquer casa. O bom cristão, quando vai casar, planejar a sua casa, tem que pensar num meio de adquirir a Bíblia, assim como reservar um lugar para expô-la. A Bíblia tem uma função semiótica de reafirmar e transmitir a idéia de que se é cristão, além de constituir-se enfeite, de valor material e elemento mágico de uma prática ritualística: é preciso tê-la, mas não necessariamente lê-la.

Os textos religiosos são utilizados na Igreja, em cultos e missas, reuniões e catequeses, novenas, *ciclo bíblico*, Sociedade de São Vicente de Paula, assim como em situações particulares em que as pessoas lêem para se distraírem ou para *aprender a palavra de Deus*. Lêem também histórias e textos sagrados *para chamar o sono*, ou para rezar.

A literatura "oficial" ou "a literatura" refere-se a alguns clássicos referendados pela escola e pela televisão: Jorge Amado, Joaquim Manuel de Macedo. Entretanto, o que se lê e se troca com mais frequência são os *best-sellers*; a exemplo de Steinbeck, Heróis do Oeste, coleção Sol e Sal, traduções e produções estrangeiras. A coleção Sol e Sal apresenta um conteúdo fundamentalmente erótico, como se pode ver nos títulos sugestivos:

Coleção SOL E SAL

Números publicados:

- 1 - EROTISMO AFRICANO
- 2 - MARIDO INFIEL
- 3 - FÊMEA EXCITADA
- 4 - AVENTURAS NA CAMA
- 5 - O BEIJO E A TARA
- 6 - MULHER INSACIÁVEL
- 7 - NO CALOR DO DESEJO
- 8 - ALTA SENSUALIDADE
- 9 - FÊMEAS DELICIOSAS
- 10 - SEIOS TENTADORES
- 11 - FEBRE SENSUAL
- 12 - CIÚMES MORTAIS
- 13 - ESPOSA E AMANTE
- 14 - ENTRE DOIS AMORES
- 15 - MULHER DE DOIS MARIDOS
- 16 - RESGATE DE AMOR
- 17 - UMA VIDA EM CONFLITO
- 18 - FILHA ADOTIVA
- 19 - MARCADOS PELO DESTINO
- 20 - QUANDO MORRE O AMOR
- 21 - AMORES PROIBIDOS
- 22 - UM NOVO AMANHECER
- 23 - VIVENDO NUM INFERNO
- 24 - AMOR OCULTO

A publicar:

- 25 - GRANDE MENTIROSA

Por uma etnografia da leitura

Outra obra, *A Pérola*, de Steinbeck, percorre caminhos de um imaginário próximo a uma realidade dos leitores observados nesta pesquisa. É a história de um casal muito pobre, moradores de uma vila; o marido encontra uma pérola no mar. A narrativa sugere

traços de uma etnografia jornalística, retratando o cotidiano de uma família pobre, seus problemas, valores, sonhos e fantasias.

Ao ficar rico, Kino – o pai – imagina o que vai fazer: 1) casar-se na Igreja, o que não foi possível antes porque não tinha dinheiro para pagar o padre. 2) Batizar o filho. 3) Comprar um rifle para se defender de ladrões. 4) Comprar roupas e sapatos novos para a família. 5) Colocar o filho em uma escola.

Numa perspectiva sócio-cultural, a pérola reflete metafórica e literalmente a realização de um grande sonho vivido pela personagem: *E na pérola Kino viu a si mesmo e a Juana acorados junto ao pequeno braseiro da cabana enquanto Coyotito (o filho) lia um grande livro.* (p. 39)

Embora não tenha sido possível uma profunda etnografia da leitura quanto à produção de significados internos ao texto, esse livro, particularmente, apontou uma relação dialética entre o processo de produção e de recepção do texto. Ou seja, admitimos que um livro produzido pela indústria cultural tenha como meta atingir um leitor cuja imagem está subjacente às estratégias textuais.

Numa conversa com leitores desse livro, delineou-se uma relação tensa entre produção-recepção, no sentido de que há formas distintas de utilização das produções oriundas das elites econômicas e culturais dominantes. Embora essa indústria cultural tente buscar o mais homogêneo, no que concerne às visões de mundo, o que lhe garante hegemonia é também sua capacidade de negociar com os leitores possibilidades novas de significação.

A *Pérola* apresenta características que negociam, com esse leitor específico da Vila, um limite entre realidade e fantasia. Os valores a que fiz referência, anteriormente, – o casamento, o batizado, o rico vestuário, a escola – são pontos estratégicos de identificação do imaginário da Vila com a obra, já que reproduzem o protótipo de uma sociedade dividida entre ricos e pobres. Mas as possibilidades múltiplas de significação se alimentam nas condições de produção de leitura próprias do leitor: seu conhecimento prévio da língua e do mundo, sua história de leituras, os motivos e as formas de leituras a que se submete.

Os elementos aqui apresentados têm a função de realçar a possibilidade e a importância de se compreender a complexidade dos fatores que compõem o processo de produção da leitura e de como a etnografia pode ser uma alternativa metodológica para explicitar esse processo.

Os livros, assim como o discurso e atitudes dos indivíduos, sugerem tendências a uma maneira de comportar-se e pensar. Não constituem o retrato perfeito desses sujeitos, mas participam dos “fragmentos” estruturantes de uma lógica cultural. A relação que o conteúdo desses livros mantém com a prática cotidiana parece ser de dupla via: ao mesmo tempo que a leitura é construída a partir de uma lógica cultural instituída no cotidiano, a leitura também orienta esse cotidiano, apontando e nomeando trajetórias e experiências pouco explícitas até o momento em que se deu a leitura. A própria crença daqueles indivíduos de que *os livros ensinam* é um dado relevante para o pressuposto

de que o processo de recepção encontra-se intrinsecamente relacionado com as situações culturais de vida cotidiana dos leitores.

Não podemos esquecer que há uma procura, por parte daqueles leitores, de livros caros, impossíveis de serem adquiridos. A forma de aquisição desses e de outros livros se dá predominantemente pelo empréstimo, troca e doações originadas, na maioria das vezes, de pessoas para quem se trabalha – clientes e patrões. É atribuído a esse material um caráter de *sobra*, de *resto*, o que não serve mais para quem os adquiriu; o mesmo fenômeno que se dá com outros produtos – roupas, calçados, alimentos. Essa dificuldade de acesso ao livro pode explicar em parte a relação de fetiche muitas vezes estabelecida com esse objeto que passa a simbolizar o “chic”, a ostentação de um lugar social de privilegiados, econômica e culturalmente.

As revistas são típicas desse caráter de doação. Fotonovelas, *Sabrina*, *Júlia* e os quadrinhos infanto-juvenis. Revistas informativas – *Veja*, *IstoÉ* – e outras de moda feminina, jardinagem, culinária trazem todo um aparato que desperta os sentidos. São reutilizadas pelas meninas e moças, principalmente, na composição de cadernos onde aparecem receitas, conselhos e todo um conteúdo feminino e doméstico.

Levar revista para a Vila constitui-se em importante canal de comunicação entre mim, as crianças e mulheres. Uma criança me pedia revistas que tivessem bolsa, chapéu e sapato, tudo aquilo que as mulheres de lá não têm. As mulheres adultas queriam expô-las na sala, perto da televisão, outra vez, enfatizando-se o princípio de que nem todo objeto escrito é para ser lido, mas é importante tê-lo. Na casa de uma manicure, que saiu da escola antes de concluir as quatro primeiras séries do primeiro grau, a presença de uma revista em língua inglesa é outro exemplo típico desse significado.

Duas meninas, quando interrogadas acerca de sua preferência em relação aos materiais escritos que tinham em casa (e era bastante variado), apontaram para revistas e enciclopédias de jardinagem. São revistas coloridas, sofisticadas, para serem folheadas, consumidas através do tato, do olfato, da visão. Raramente são reproduzidas as técnicas que nelas aparecem, mesmo porque isso implicaria investimentos econômicos onerosos para aquelas pessoas. O mesmo ocorre com as revistas de culinária cujas receitas contêm ingredientes inacessíveis às possibilidades econômicas desse segmento social.

BARTHES (1985), em seu artigo “Cozinha ornamental”, faz referência a uma cozinha de “economia totalmente mítica”:

Trata-se, abertamente, de uma cozinha de sonho, como testemunham, aliás, as fotografias da Elle que apenas captam o prato, sobrevoando-o, como um objeto simultaneamente próximo e inacessível, cujo consumo pode perfeitamente ser esgotado pelo olhar. São materiais que contêm elementos de ostentação que busca o “chic”, o arrumado segundo uma lógica burguesa. (p. 79).

As receitas culinárias, de embelezamento e as fórmulas e práticas de jardinagem, decoração, tricô, croché, constituem destaque nesse universo social. As receitas, não

O JEITINHO

VIDRAÇAS BRILHANTES

Para limpar vidros, use papel de jornal embebido numa mistura de água e algumas gotas de vinagre. Depois, enxugue com uma folha seca. Não use álcool porque deixa marcas nas vidraças.

A COUVE E SUAS UTILIDADES

Se você esfregar algumas folhas de couve sobre o tapete, sua cor reavivará. Outra utilidade da couve: o chá de suas folhas, misturado a um pouco de sabão em pó, é um excelente xampu para cabelos oleosos.

CUIDE DAS UNHAS

Não existe nada pior do que unhas com esmalte descascado, que sempre dá uma impressão de desleixo. E retocar as unhas todas as vezes que for preciso não val tomar mais de alguns minutos de seu tempo.

DA NATUREZA

Aprenda com a vovó a tirar os remédios da natureza. A erva-cidreira, por exemplo, é tiro-e-queda contra resfriados. O chá de cascas de canela resolve os problemas de gases, estômago e intestinos. As flores de tilia são excelente calmante e a raiz de alcaçuz, além de expectorante, alivia as irritações da garganta.

PÓ-DE-ARROZ

A aplicação correta do pó-de-arroz é um dos aspectos mais importantes da maquiagem. A melhor maneira de aplicá-lo é comprimindo a esponja sobre o rosto, e não dando palmadinhas. Quem usa antes uma base, deve empoar o centro do rosto para obter uma aparência mais natural, nunca seguir em direção aos lados. Depois, o excesso deve ser removido com uma esponja limpa, ou uma escovinha própria para pó.

SEDA PRETA

Para renovar as peças de seda preta que estiveram muito tempo fora de uso, passe uma esponja com um pouco de amônia e algumas colheres de álcool.

LAVE AS CORTINAS

Facilite o trabalho de lavar cortinas, colocando-as na máquina, depois de dobrá-las cuidadosamente. Assim, você evitará aquelas rugas feias e difíceis de passar. Se quiser, poderá pendurá-las ainda úmidas na janela, evitando ter que passá-las.

FLORES SECAS

Para conservar por mais tempo as flores secas, experimente borrifar um pouco de laquê, deixar secar e tornar a borrifar.

somente culinárias, circulam entre mulheres. Possuir receitas, mensagens, enfim, todo um material escrito dessa categoria, é próprio das práticas de instituição do papel feminino e condiciona o valor da comunicabilidade, da possibilidade de troca nas relações sociais. Receitas variadas constituem capital de giro, moeda corrente nas relações interpessoais. O importante não é realizar as receitas, mas tê-las e saber usá-las de acordo com as situações de interlocução.

Os homens lêem, sobretudo, revistas em quadrinhos, a exemplo de *Tio Patinhas*, *Zé Carioca*, as de informações relacionadas à televisão e as de conteúdo pornográfico: *Status*, *Playboy*. Essas últimas são guardadas em sigilo e poucos admitem que as lêem. Ler aqui traz o mesmo sentido apontado nas leituras “femininas” e, traduzidas nas ilustrações, nos usos dos sentidos e no desejo de aproximação do que está distante, impossível de alcançar.

Os *cartões* de Natal, aniversário, batizado, casamento são freqüentemente utilizados. Embora muitas vezes sejam intermediados pela indústria gráfica, é comum e importante a marca pessoal do emissor do cartão através de uma mensagem, ora criada por ele mesmo, ora por um parente ou amigo, ora extraída dos meios de comunicação de massa, nos *guardados*. Para esse tipo de produção existem pessoas eleitas como as mais habilidosas, tanto para criar como para escolher o que melhor se adequa à situação. São pessoas que têm o poder de dizer o que é “bom”, “bonito” e “correto” para ser escrito.

Os *jornais* são menos freqüentes na sua finalidade determinada pelo tipo de texto. Servem, nesse caso, como fonte de informações acerca de empregos, venda e troca de objetos, e para leitura dos cadernos esportivos, policiais e horóscopos.

Leituras pouco convencionais, entretanto, ocorrem em relação aos jornais, originadas nas suas formas de utilização como papel de embrulho de objetos, mercadorias, rolinhos de cabelo. Lêem-se trechos completamente descontextualizados do todo do jornal e de sua temporalidade. É o caso da leitura que faz uma menina, no banheiro, dos rolinhos enrolados em pedaços de jornal e de um sapateiro que é seduzido por uma manchete da folha do jornal com que embrulha os sapatos que consertou.

Os *folhetos e volantes* também circulam na Vila em grande volume. Trazem conteúdos diversos, propaganda política, de consultas astrológicas, centro espírita, venda de produtos. Esses textos valorizam a imagem do emissor e apelam para as necessidades do destinatário. Os moradores da Vila produzem também mensagens com esse objetivo de valorizar a auto-imagem, tanto do grupo quanto individualmente. Originam-se, então, mensagens criadas, pensamentos copiados ou de autores anônimos, ora de temática satírica, irônica, ora religiosa, moralista, mas sempre chamando a atenção para valores a serem preservados, para coerência e harmonia das relações.

As *cartas* constituem a forma mais valorizada de comunicação escrita, nesse lugar. Ela significa um grande investimento afetivo. São trocas entre namorados, parentes e amigos, tanto para falar de amores como de desamores, ou de dificuldades do dia-a-dia.

Aprender a escrever cartas é constitutivo da socialização das crianças. Uma criança de quatro anos me pediu para escrever uma carta para o namorado: *Renato, te amo, Tica*.

Do ponto de vista da linguagem, há nessas cartas uma tendência à reprodução da comunicação oral, devido principalmente ao teor afetivo e ao esforço do emissor para trazer o interlocutor ausente para uma situação de maior proximidade possível. Fala-se de tudo e de todos numa carta. Algumas são escritas por mais de uma pessoa, outras assinadas por mais de uma, ou pelo pronome pessoal "EU". Os vocativos, insistentemente repetidos, somam-se a essas marcas de uma situação de comunicação oral.

O conteúdo reflete o tom das relações face a face, marcadas pelas brincadeiras, a sátira:

DIGAM COMO FARAM AS NAIANAS
EM GUARAPARI, MARCIA (MANCA) ESPERO QUE NESTE ANO VOCÊ
NÃO TENHA DORMIDO ENQUANTO A MANGUEIRA ENTROU (NA
AVENIDA... LOGICO, ONDE VOCÊ PENSOU QUE FOSSE HEM!!)

(FALÉ AO MERCEDES, CUIDADO
COM GALINHA COM AIDS. GALINHA BRANCA ESTÁ TRANSMITINDO O
VIRUS DA PESTE (DEUS ME PERDOE). CUIDADO SE CASO A
MARCIA DORMIR E NÃO VÍU A MANGUEIRA ENTRAR QUEBRA
O GALHO DELA E... A MANGUEIRA FARRÁ ELA.

Ou as tradicionais cartas de amor:

E eu te confesso, tenho muito,
mas muita mais a te dizer. Mas
agora, nem ao menos vou dizer
o meu nome (mas já deves saber), pois,
meus olhos estão embaçados, e o
meu pensamento e a minha gan-
ganta estão tapados, quase
não posso respirar. Apenas repetirei
Te amo!
Te amo!
Te amo!
EU

Saudações

Minha esquecida cunhada baurã a finalidade desta simples carta é somente para dar os meus notícias e ao mesmo tempo saber das suas.

Minha comadre aqui está tudo bem só não está melhor porque oi saudade de vocês e demais.

Comadre espero que ao receber minha carta encontro todos com muita saúde e felicidade pois o meu desejo e para com vocês é que os graças de Deus, e a sombra do Altíssimo esteja cada dia intercedendo por todos vocês principalmente na sua família e seus filhos.

Comadre o tio já está recuperado e já está trabalhando. Graças a Deus e o esforço da Senhora que não mediu sacrifício algum ao Deus Para retribuir tudo a aquilo que a Senhora fez por mim em proteção a saúde dele.

Comadre eu ainda não fui air porque ainda não tive férias mais assim que eu estiver de férias eu vou passar um mês com vocês se Deus quiser.

Comadre também quero saber o que é o Anemmo de Maria mande me falar.

Quando ocorre – e é bastante usual isso – de pessoas pedirem a outras para escreverem suas cartas, elas querem que se respeitem as suas idéias e estilo próprio, reproduzindo-se principalmente uma sintaxe da língua oral. Assisti a brigas e impasses criados porque o “redator” alterou o que a “autora” queria que fosse escrito. Não basta, pois, nesses casos, ter um domínio das regras do código escrito, mas é preciso ser capaz de traduzir o que lhe é solicitado, e, ao mesmo tempo, manter um nível de cumplicidade, já que são partilhadas confidências.

Entre rapazes e moças, a inspiração poética se alimenta, sobremaneira, nas relações amorosas, quando se utilizam da poesia como mediadora das relações. Nessa categoria de textos mais íntimos estão os diários femininos. Esses últimos em algumas famílias são mantidos mais em segredo, enquanto em outras não.

Os textos eróticos e/ou pornográficos permitiram explicitar uma concepção de que nem tudo que se pensa deve ser escrito. *É preciso ter muita coragem para escrever palavras, pornografia, isso é coisa de pivete.* Mas as cartas pessoais trazem, de forma muito natural, esse conteúdo.

Conclusão

Os limites e propósitos desta investigação não são suficientes para sugerir alternativas sistematizadas para o ensino da língua portuguesa/alfabetização. Seria, por exemplo, viável inferir que a escola deveria utilizar o material com que as crianças se relacionam no dia-a-dia? Ou melhor, as receitas ou o conteúdo religioso seria uma alternativa para o professor criar situações mais significativas para o processo de aquisição da leitura e da escrita? Ou o fato de as crianças não terem um contato maior com o texto de ficção sugeriria a necessidade desse gênero na escola?

Enfim, quaisquer perguntas sobre esse campo de possibilidades de aplicação metodológica de uma pesquisa desse porte carece da análise de um conjunto de outros fatores próprios do processo pedagógico escolar.

Contudo, pode-se adiantar que, no processo de interação com a língua escrita, há elementos pragmáticos de níveis distintos. Num primeiro plano, está o texto, no que ele possui de material (estratégias lingüísticas e suporte), está o leitor com seus objetivos e conhecimentos prévios sobre a língua e sobre o mundo. Num segundo plano, esses elementos se articulam com as condições de interação, as quais se diversificam segundo espaços/ou relações de interlocução.

Dessa forma, a transposição para a escola de elementos/textos do cotidiano não garante a eficácia da interação. Os objetivos do leitor (aluno) e do professor são elementos estruturantes do processo de significação textual que têm maior relevância do que os próprios textos, no processo ensino-aprendizagem.

Há alguns elementos que podem servir de pistas para professores de língua materna.

1º) Pode observar que na Vila as pessoas lêem mais do que escrevem. Isso pode sugerir que os níveis de letramento ou a ampla alfabetização de uma sociedade estão

... e conteúdos específicos e variados.

2º) Embora se possa dizer que esses indivíduos lêem bastante, mais do que eu pressupunha, isso não significa uma posse ampla de livros. Há, sim, muitos folhetos, almanaques, revistas religiosas, etc., o que certamente cria diferenças em relação a segmentos sociais que têm possibilidade maior de acesso aos livros. Contudo, é preciso investir em pesquisas que permitam uma análise comparativa entre segmentos sociais distintos, para não precipitarmos conclusões sobre situações aparentemente conhecidas, como essa.

3º) A relação com a escrita, ali, está profundamente comprometida com elementos de uma cultura oral, o que se vê no próprio fato de que esses indivíduos lêem mais do que escrevem, assim se estampa nas formas de leitura – coletiva, oral, partilhada, que lá predominam. Isso demanda um maior aprofundamento da relação entre escrita/oralidade, tanto nos níveis lingüísticos mais sutis, quanto no âmbito sócio-cultural.

4º) Finalmente, constata-se que a escola é responsável pela construção de concepções sobre o ler e escrever. Importa, então, interrogar sobre as atitudes e comportamentos que lhe interessam gerar sobre esse conhecimento.

BOURDIEU (1990), problematizando a tendência em se apontar a autenticidade do discurso popular, revela o papel dos intermediários culturais, professores, padres, na produção de um discurso camponês cheio de “clichês repisados das redações de escola primária. . .” (p. 185). A escola não é simplesmente reprodutora de um universo ideológico produzido fora dela, mas também o institui. E no campo do letramento, das representações sociais sobre a leitura e a escrita, ela ocupa lugar determinante.

NOTA

¹ As expressões típicas da fala dos moradores aparecerão sempre grifadas.

BIBLIOGRAFIA

- BARTHES, Roland. Cozinha Ornamental. In: *Mitologias*. São Paulo: Difel, p. 77-78, 1985.
- BOURDIEU, P. Os usos do povo. In: *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, p. 181-87, 1990.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural – entre práticas e representações*. Lisboa, Difel, 1990.
- GNERRE, Maurizio. Linguagem, escrita e poder. São Paulo: Martins Fontes, 1985.
- HEATH, Shirley Brice. Protean shapes in literacy events: evershifting oral and literate traditions. In: TANNEN, Deborah. *Spoken and written language: exploring orality and literacy*. vol. 9. Ablex Publishing Corporation Norwood, New Jersey, p. 91-117, 1992.
- MIRANDA, Marildes Marinho. *Os usos sociais da escrita no cotidiano de camadas populares*. Dissertação de mestrado em Educação – Faculdade de Educação – UFMG – Belo Horizonte, 1991.
- SOARES, Magda Becker. Alfabetização: a (des)aprendizagem das funções da escrita. *Educação em Revista*. Belo Horizonte, n. B, p. 3-4, 1988.